

Arquivo, língua e o “terreno da história”

Archive, Language, and the “Terrain of History”

Marc Hertzman*

Resumo: Esta resenha se propõe a abordar o livro *Palmares & Cucaú* por meio de trabalhos recentes sobre o conteúdo e as diversas formas do “arquivo” da escravidão e sobre a linguística histórica feita por historiadores africanistas.

Palavras-chave: Palmares; arquivo; língua.

Abstract: This review addresses the book *Palmares & Cucaú* through recent works on the content and various forms of the slavery “archive” and on historical linguistics carried out by Africanist historians.

Key words: Palmares; Archive; Language.

P*almares & Cucaú*, escrito por Silvia Lara, é uma obra excepcional. Resultado de anos de pesquisa, o livro irá render frutos para os estudiosos dessa e das próximas gerações. Não apenas por si só, mas também em conjunto com o site que o acompanha, “Documenta Palmares”, e da edição crítica de um dos mais detalhados relatos contemporâneos de Palmares que existe, *Guerra contra Palmares: o manuscrito de 1678*, que trata da relação das guerras feitas aos Palmares de Pernambuco.¹ A enorme contribuição de Lara vem de uma linhagem mais longa de estudos sobre Palmares, que ela habilmente engaja e examina criticamente, como Ernesto Ennes, Edison Carneiro, Décio Freitas e Flávio Gomes. Lara não apenas apresenta análise inovadora sobre os famosos mocambos, mas também coleta e

* Marc Hertzman é professor, diretor de estudos de pós-graduação e vice-chefe do Departamento de História na Universidade de Illinois, Urbana-Champaign. Seu trabalho, que se concentra na diáspora africana no Brasil e na América Latina, recebeu prêmios da Brazilian Studies Association, Latin American Studies Association, Conference on Latin American History, entre outras. Publicou artigos em diversos periódicos, incluindo *American Historical Review*, *Hispanic American Historical Review*, *Journal of Latin American Studies* e *Revista Mundos do Trabalho*, entre outros. É autor de três livros. O primeiro foi traduzido para o português como *De onde vem o samba*, pela editora 7Letras em 2023. Em 2024, a Duke University Press publicou seu livro mais recente, *After Palmares: Diaspora, Inheritance, and the Afterlives of Zumbi*. E-mail: hertzman@illinois.edu. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8754-3494>.

1 Disponível em: <https://palmares.ifch.unicamp.br/>. Acesso em: 10 jul. 2024. LARA, Silvia; FACHIN, Phablo (org.). **Guerra contra Palmares: o manuscrito de 1678**. São Paulo: Chão Editora, 2021.

compila fontes até então desconhecidas, algumas das quais estão transcritas em *Palmares & Cucaú* (e *Guerra contra Palmares*), outras armazenadas online no Documenta Palmares. Desde o trabalho pioneiro de Gomes sobre Palmares (e outros mocambos e quilombos), nos anos 1990 e início dos anos 2000, o campo não recebia uma riqueza tão grande de documentos e conclusões inovadoras como as que Lara produziu.²

As contribuições de *Palmares & Cucaú* são muitas. A dualidade invocada no título representa a intenção de estudar não somente a história mais conhecida do quilombo de Palmares liderado por seu líder mais famoso, Zumbi, mas também o menos conhecido Cucaú, onde Gana Zumba estabeleceu aldeia em 1678, depois de firmar acordo com o governador de Pernambuco Aires de Sousa de Castro.³ *Palmares & Cucaú* utiliza o tratado de paz como ponto de partida para discutir “as políticas de dominação” (p. 27) e em busca de mais detalhes sobre “o ponto de vista dos habitantes dos Palmares” (p. 20). O livro aborda criticamente séculos de literatura sobre Palmares, contém transcrições de fontes primárias e inclui mapas que fornecem uma localização lúcida e detalhada dos mocambos dos Palmares e da sua evolução ao longo do tempo. Dentre estes e outros aspectos impressionantes do livro, dois merecem destaque especial: (1) a recuperação de fontes primárias desconhecidas e (2) o diálogo com a história e historiografia da África Centro-Occidental, lugar de origem da maioria dos palmaristas nascidos na África. Ao dialogar com esta história e historiografia, *Palmares & Cucaú* avança em argumentos importantes que também podem estimular uma série de novos debates e mais pesquisas futuras.

Qualquer discussão sobre o livro deve começar com o trabalho de detetive que Lara conduziu no Brasil, em Portugal, na Inglaterra, na França, nos Países Baixos e na Itália, onde encontrou uma enorme quantidade de material. Trata-se de uma investigação notável, tanto mais impressionante quanto é certo que há mais de um século que estudiosos e arquivistas vasculham coleções em busca de novos documentos sobre Palmares. Apesar dessas pesquisas anteriores, Lara encontrou material original. Um conjunto de perguntas que emerge do trabalho que ela fez diz respeito aos limites e à composição do que poderíamos chamar de Arquivo dos Palmares. O empiricismo é um aspecto central – talvez o aspecto central – da maneira que o livro analisa esse arquivo. A rica base documental que Lara utiliza permite que os acontecimentos de 1678 se tornem “o ponto de entrada empírico” do texto (p. 27). Isto não quer dizer que o livro simplesmente se limite a tentar “preencher uma lacuna” na literatura. Longe disso, recuperando documentos perdidos,

2 Além das referências citadas em cima, veja GOMES, Flávio dos Santos. **A hidra e os pântanos**: Mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil (séculos XVII-XIX). São Paulo: Unesp, 2005. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

3 Em outros escritos, eu sugiro caminho distinto, mas para os fins deste debate reproduzo a escolha de Lara, que prefere ‘Gana Zumba’ em vez de ‘Ganga Zumba’. Um apêndice em *Palmares & Cucaú* apresenta discussão de nomes (p. 392-398).

destacando encontros e processos políticos esquecidos e conectando Palmares e África Centro-Occidental, *Palmares & Cucaú* fornece conclusões novas sobre a diáspora africana no Nordeste do Brasil e lança luz original à formação e manutenção da dominação colonial. A linha final do livro, ‘Barriga não acabou!’, uma referência ao mocambo de Zumbi, que ficou em cima da Serra da Barriga, nos inspira a perguntar o que ainda falta fazer. Que questões históricas, arquivísticas e metodológicas permanecem em aberto?

É possível que algumas respostas possam ser encontradas em arquivos pequenos no Nordeste. Será que existem coleções que contêm novo material ou que contam outras histórias de Palmares? Uma outra área de pesquisa, fora do Brasil, nos chama a atenção. *Palmares & Cucaú* utiliza arquivos de fora do Império português para traçar o que aconteceu dentro de Palmares, mas ainda sabemos pouco sobre a repercussão que Palmares teve (ou não teve) em outras sociedades escravocratas. Na virada do século XX, Raimundo Nina Rodrigues invocou a Revolução Haitiana ao escrever sobre Palmares, aludindo que os conquistadores coloniais que venceram Palmares preservaram o que viria a ser o Brasil de ter por destino uma revolução negra nos moldes da que ocorreu em Saint-Domingue.⁴ Existiam exemplos anteriores em sentido inverso? Será que os escravizadores no Haiti (ou em Cuba ou na Jamaica) alguma vez invocaram Palmares como uma história de advertência? Quantas pessoas escravizadas fora da América portuguesa sabiam de Palmares?

Tais perguntas se baseiam numa versão da ideia de que há sempre “mais um arquivo” a se visitar, mas outras perguntas vêm do arquivo compilado por Lara, que constitui a espinha dorsal empírica de *Palmares & Cucaú*. A história e a prática da história são enfatizadas e elevadas em cada capítulo do livro, mas é na introdução que são discutidas em relação, e às vezes em contraste, com a política. Além de identificar, organizar e analisar um grande número de fontes primárias, *Palmares & Cucaú* também se debruça sobre a enorme literatura sobre Palmares e é concebido não somente como um livro de história, mas também como ‘um livro sobre o ofício do historiador’ (p. 27).

As histórias contadas em *Palmares & Cucaú* têm sido marginalizadas por vários motivos, incluindo o fato de que Palmares e Zumbi são frequentemente acionados no centro de mobilizações políticas e controvérsias. Lara mostra como essas mobilizações e controvérsias têm afetado nosso entendimento de Palmares e procura traçar um caminho acima da disputa: “De certo modo, [o livro] deixa o terreno das disputas politizadas pela memória dos Palmares para abrir condições para a investigação propriamente histórica: examino os eventos ocorridos no passado para compreender as ações e intenções dos homens e mulheres que os produziram e os conflitos nos quais estiveram envolvidos” (p. 20). Ciente de que estes temas são “de grande interesse para os movimentos sociais”, Lara escreve: “Não me furto ao debate, mas permaneço no terreno da história” (p. 27).

4 RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Brasília: Editora Nacional, 1988. p. 78.

O objetivo, declarado mais uma vez na introdução, é uma análise “eminente *histórica*” (p. 20, grifos no original).

Se o conteúdo e os contornos do ‘terreno da história’ são evidentes para alguns, os debates recentes na historiografia da escravidão atlântica sugerem que, para outros, suas fronteiras e definições são contestadas, especialmente quando tentamos entender os limites e silêncios do arquivo. Também é contestada a definição de empirismo e quem tem o direito de defini-la. *Palmares & Cucaú* considera a posição das pessoas que escreveram os documentos utilizados no texto e cita historiadores culturais que, durante os anos 1980 e 1990, enfatizaram “a necessidade de levar em conta o contexto institucional de produção de cada peça documental, as intenções do autor, os termos empregados na descrição dos eventos e na qualificação das pessoas, e as traduções linguísticas e culturais operadas em cada texto” (p. 26).⁵ Parece existir outra possibilidade, não tratada no livro, mas que pode ser discutida aqui, e mais adiante, a respeito do diálogo com a literatura mais recente que destaca os silêncios, violências e apagamentos que definem arquivos, no que diz respeito às fontes relacionadas com a história da escravidão.⁶

Em 2015, a revista *Social Text* publicou um fórum sobre “A Questão da Recuperação” (*The Question of Recovery*). As editoras descrevem “a tensão generativa entre a *recuperação* como um imperativo fundamental à pesquisa e escrita da história – um imperativo definido pela urgência política de gerações de ativistas-acadêmicos – e a impossibilidade de *recuperação* quando se está envolvido com arquivos cuja própria montagem e organização ocultam sujeitos e assuntos históricos específicos”.⁷ *Palmares & Cucaú* é, sem dúvida, um exemplo brilhante do valor da *recuperação*, que põe o livro em diálogo com as ideias debatidas naquele volume de *Social Text* (e em outros contextos). Embora os colaboradores do número especial apresentem opiniões e perspectivas diferentes, estão unidos no objetivo de desenvolver “modos de acessar sujeitos atlânticos sem abandonar a esperança de *recuperação* diante das ausências nos arquivos, mas que buscam complicar o que é a noção de *recuperação histórica*. A *recuperação* tem que ter um objetivo político além de documentar a presença negra. Sem isso, a *recuperação* é nada mais do que um pedido por inclusão dentro das promessas fundamentais da modernidade liberal – uma crítica de suas fronteiras, mas não de sua essência”.⁸ Para esses autores, o terreno da história deve manter a política não num horizonte distante, mas antes na frente e no centro. Mas, como

5 Os dois autores citados são Roger Chartier and Robert Darnton. CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 211-238. DARNTON, Robert. Primeiros passos para uma história de leitura. In: **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 146-172.

6 Ver, por exemplo: FUENTES, Marisa J. **Dispossessed Lives: Enslaved Women, Violence, and the Archive**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2016. HARTMAN, Saidiya. **Venus in Two Acts**. **Small Axe**, v. 12, n. 2, p. 1-14, 2008. MORGAN, Jennifer L. **Reckoning with Slavery: Gender, Kinship, and Capitalism in the Early Black Atlantic**. Durham: Duke University Press Books, 2021.

7 HELTON, Laura et al. The Question of Recovery: an Introduction. **Social Text**, v. 33, n. 4, 125, p. 1-18, 2015. p. 1.

8 Ibidem, p. 11.

Palmares & Cucaú mostra, no caso dos Palmares tal orientação muitas vezes tem produzido erros e distorções.

Outra maneira de perguntar o que permanece “oculto” e o que pode ser acessado, seja através de novas evidências documentais, seja por meio de novas análises, pode ser encontrado no trabalho do John Marquez, que mostra como os africanos e seus descendentes no Brasil criaram e mantiveram um “contra-arquivo” de memória legal durante o século XVIII.⁹ Marquez adota a definição de Shawn Michelle Smith, que descreve o “contra-arquivo” como “um ‘arquivo contestatório’, que oferece lugar a partir do qual se pode imaginar e narrar uma contra-história”.¹⁰ Esta definição, e os debates mais amplos sobre os silêncios do arquivo, são particularmente instigantes em relação a *Palmares & Cucaú*. O livro está dedicado a entender como e por que os documentos que utiliza foram esquecidos, e utiliza estes documentos para se libertar de paradigmas arraigados. Por exemplo, *Palmares & Cucaú* se baseia no trabalho de Gomes para rejeitar representações antigas, presentes especialmente na cultura popular, que representavam Zumbi como herói e Gana Zumba como um vilão que traiu seus companheiros palmaristas. Nesse sentido, não há dúvida que *Palmares & Cucaú* utiliza documentos arquivísticos para promover uma contra-história. Marquez mostra que os africanos e seus descendentes confrontavam “o arquivo em papel”, que formou a base do sistema legal português, e do sistema de dominação colonial discutido em *Palmares & Cucaú*, e procuraram a liberdade através da “elaboração de novas formas de evidência aparentemente improváveis, construídas a partir da memória e de testemunhos coletados através do Oceano Atlântico”. Esses contra-arquivos “atravessavam o arquivo colonial forçando sua expansão, mesmo que somente por momentos fugazes”.¹¹ Poderá esta ser uma forma de pensar o Arquivo de Palmares? Se prestarmos mais atenção aos “contra-arquivos”, como mudará nosso entendimento coletivo não somente dos silêncios e omissões do arquivo, mas do “terreno da história”, e, utilizando tais ferramentas teóricas, o que quer dizer escrever algo “eminente histórico”?

Outra forma promissora de refletir sobre essas questões é o trabalho de acadêmicos africanistas, que nos ajuda a identificar novas maneiras de ler documentos antigos e que ainda pode nos dirigir além do próprio arquivo. Para além das referências citadas em *Palmares & Cucaú*, há um vasto conjunto de trabalhos de africanistas que, como Rhiannon Stephens pontua, pode nos ajudar a “pensar além das limitações do arquivo e do nosso investimento interdisciplinar voltado a ele”.¹² Embora os acadêmicos tenham anteriormente colocado Palmares em diálogo com a história e a historiografia africana, *Palmares & Cucaú*

9 MARQUEZ, John C. Witnesses to Freedom: Paula’s Enslavement, Her Family’s Freedom Suit, and the Making of a Counterarchive in the South Atlantic World. *Hispanic American Historical Review*, v. 101, n. 2, p. 231-63, 2021.

10 SMITH, Shawn Michelle. *Photography on the Color Line: W. E. B. Du Bois, Race, and Visual Culture*. Durham: Duke University Press, 2004, p. 9 apud MARQUEZ, op. cit., p. 234.

11 MARQUEZ, op. cit., p. 259.

12 STEPHENS, Rhiannon. Conceptual History in Precolonial Contexts: A View from East Africa. *History of Humanities*, v. 9, n. 1, p. 129-141, 2024. p. 130.

representa, no quadro geral, a imersão mais sólida já realizada nesse debate.¹³ Com base na historiografia anterior, o livro presta atenção cuidadosa às guerras que eclodiram na África Centro-Occidental enquanto os portugueses perseguiram domínios e seres humanos escravizados.¹⁴ Como *Palmares & Cucaú* deixa claro, essas guerras, a perseguição violenta de pessoas escravizadas e as dinâmicas e processos políticos africanos são fundamentais para entender Palmares, cujos habitantes (pelo menos os que nasceram na África) trouxeram consigo uma “sintaxe política centro-africana” (p. 378). Tudo isso moldou o tratado da paz e Cucaú, que representou “um caminho alternativo para muitos dos habitantes dos Palmares: uma forma de obter liberdade, terra para trabalhar e segurança para sobreviver e crescer” (p. 378). O que mais podemos dizer sobre as histórias e as “sintaxes” africanas que moldaram os Palmares?

Enquanto participamos deste fórum, outros pesquisadores vêm desenvolvendo trabalhos instigantes que conectam Palmares e África em formas novas. Um ano depois do lançamento de *Palmares & Cucaú*, José Lingna Nafafé publicou um livro empolgante sobre José da Silva Mendonça, membro da família real do Ndongo. Através da vida de Mendonça, Nafafé narra uma história do movimento abolicionista na África que data do século XVII.¹⁵ Palmares tem papel de destaque no livro, e Nafafé tenta conectar Mendonça aos mocambos.¹⁶ Também são notáveis trabalhos em curso como a tese em andamento de Austin Nelsen na Universidade da Flórida. Além de *The Long Atlantic: Toward a History in Terms of Africa*, de Kathryn de Luna, cujo conhecimento global da história e da linguística africana promete abrir um novo horizonte para estudiosos de Palmares e da diáspora africana.

13 Conectando Palmares e África, *Palmares & Cucaú* mais uma vez estende o trabalho de Gomes e também outros trabalhos anteriores, como ALENCASTRO, Luiz Felipe de. História geral das guerras sul-atlânticas: o episódio de Palmares. In: GOMES, Flávio dos Santos (org.). **Mocambos de Palmares: histórias e fontes** (séc. XVI-XIX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. p. 61-99. ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Palmares: batalhas da guerra seiscentista sul-atlântica. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.). **Revoltas escravas no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. ANDERSON, Robert Nelson. The Quilombo of Palmares: A New Overview of a Maroon State in Seventeenth-Century Brazil. **Journal of Latin American Studies**, v. 28, n. 3, p. 545-566, 1996. GOMES; KENT, R. K. Palmares: An African State in Brazil. In: PRICE, Richard (org.). **Maroon Societies: Rebel Slave Communities in the Americas**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996. p. 170-190. SCHWARTZ, Stuart B. Mocambos, quilombos e Palmares: a resistência escrava no Brasil colonial. **Estudos Econômicos**, v. 17, p. 61-88, 1987. SCHWARTZ, Stuart B. Rethinking Palmares: Slave Resistance in Colonial Brazil. In: **Slaves, Peasants, and Rebels: Reconsidering Brazilian Slavery**. Champaign: University of Illinois Press, 1996. p. 103-36. THORNTON, John. Angola e as origens de Palmares. In: **Mocambos de Palmares: histórias e fontes** (séc. XVI-XIX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. p. 48-60. THORNTON, John K. Les Etats de l'Angola et la formation de Palmares. **Annales: Histoire, Sciences Sociales**, v. 63, n. 4, p. 769-797, 2008. Menos explicitamente conectado aos Palmares, também vale a pena mencionar o trabalho do Roquinaldo Ferreira. Por exemplo: FERREIRA, Roquinaldo. O Brasil e a arte da guerra em Angola (sécs. XVII e XVIII). **Revista Estudos Históricos**, v. 39, p. 1-23, 2007. FERREIRA, Roquinaldo. **Cross-Cultural Exchange in the Atlantic World: Angola and Brazil during the Era of the Slave Trade**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

14 *Palmares & Cucaú* dialoga especialmente com Linda M. Heywood e John K. Thornton, destacando: HEYWOOD, Linda M.; THORNTON, John K. **Central Africans, Atlantic Creoles, and the Foundation of the Americas, 1585-1660**. New York: Cambridge University Press, 2007.

15 NAFAFÉ, José Lingna. **Lourenço da Silva Mendonça and the Black Atlantic Abolitionist Movement in the Seventeenth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

16 Numa nota de rodapé, Nafafé menciona uma “longa conversa com [Silvia] Lara sobre a possível conexão entre Lourenço da Silva de Mendonça e Brasil e Palmares, mas que sua opinião era que não tinha uma conexão”. Ibidem, p. 140.

Um dos indícios mais úteis que as fontes revelam sobre Palmares são os nomes dos líderes dos mocambos, que foram gravados pelas forças coloniais que tentavam destruir Palmares. *Palmares & Cucaú* inclui um apêndice com mais de 20 nomes de palmaristas. Para interpretar os significados de alguns dos nomes gravados durante o século XVII, Lara emprega dicionários de kimbundu junto com algumas observações feitas por missionários europeus no Brasil e na África. Essa estratégia pode ser útil, mas também tem limitações. *Palmares & Cucaú* sugere que

Os habitantes da África Central pertenciam a dois subgrupos linguísticos bantos próximos, o quicongo (na região do Kongo) e o quimbundo (em grande parte do planalto angolano). Segundo depoimentos contemporâneos, ambos eram bastante similares, como o espanhol e o português (p. 194). As pesquisas dos historiadores africanistas revelam dois problemas com esta caracterização. Quimbundo e quicongo são complexos e internamente diversos, e a relação entre eles é bem diferente do que a que existe entre o espanhol e o português. Marcos Abreu Leitão de Almeida explica, ‘Historiadores têm trabalhado com o quicongo e o quimbundo como se fossem entidades fechadas, tão próximas uma da outra quanto português e espanhol. De uma perspectiva histórica, isso é enganoso. Quicongo e kimbundu são grupamentos linguísticos que possuem genética bem distinta e internamente diversificada.’¹⁷

Já no século VI d.C., o quicongo tinha se dividido em quatro subgrupos regionais, precedendo por séculos a divisão entre espanhol e português.¹⁸ Só no grupamento linguístico quicongo, as medidas de cogação, norma para medir semelhanças linguísticas, são inferiores a 50%. A medida entre inglês e alemão é 60%, entre francês e espanhol 75% e entre espanhol e português é quase 90%.¹⁹ Da mesma maneira que há diversidade entre o grupamento linguístico quicongo, as diferenças entre essas línguas e grande parte de línguas kimbundus são muitas vezes ainda maiores. Como argumentam Almeida e de Luna, comparar quicongo e kimbundu com o espanhol e o português não somente oculta a diversidade de línguas da África Centro-Occidental, mas também esconde histórias de contato entre variantes específicos de quicongo e do kimbundu. Embora a maioria de línguas kimbundus e quicongos “não sejam geralmente mutuamente inteligíveis”, escreve de Luna, “tal fato não impede o multilinguismo nem o reconhecimento entre falantes de cognatos (autênticos e falsos)”.²⁰ São questões estimulantes que podem fomentar novas perguntas e pesquisas futuras. O que é que uma maior atenção à diversidade interna do kimbundu e do quicongo pode nos dizer sobre este e outros aspectos de Palmares? Como podemos utilizar as ferramentas dos linguistas para reler nomes e palavras herdadas dos registros de Palmares? Que conceitos e ideias, além de terra, segurança e liberdade, animaram as mulheres, homens e crianças que mudaram

17 ALMEIDA, Marcos Abreu Leitão de. African Voices from the Congo Coast: Languages and the Politics of Identification in the Slave Ship *Jovem Maria* (1850). *Journal of African History*, v. 60, n. 2, p. 167-89, 2019. p. 180.

18 DE SCHRYVER, Gilles-Maurice *et al.* Introducing a state-of-the-art phylogenetic classification of the Kikongo Language Cluster. *Africana Linguistica*, v. 21, p. 87-162, 2015, p. 146.

19 REA, John A. Concerning the Validity of Lexicostatistics. *International Journal of American Linguistics*, v. 24, n. 2, p. 145-150, 1958. p. 147.

20 DE LUNA, Kathryn M. Sounding the African Atlantic. *William and Mary Quarterly*, v. 78, n. 4, p. 581-616, 2021. p. 594-95.

para Cucaú com Gana Zumba? Os trabalhos em andamento de Luna e outros certamente expandirão nossas respostas a estas perguntas. Assim, tais trabalhos também estenderão as contribuições de *Palmares & Cucaú*, reafirmando o lugar do livro no centro de um campo de estudos que continua a crescer sobre um dos exemplos mais notáveis de criação africana no novo mundo. *Palmares & Cucaú* também continuará a gerar debates sobre o 'terreno da história' e o Arquivo Palmares, cujo conteúdo e alcance são maiores graças ao trabalho exaustivo desse livro impressionante.

Recebido: 04/11/2024

Aprovado: 18/11/2024